

A GEOGRAFIA DE PIERRE GEORGE

The geography of pierre george

La geografía de pierre george

Valquíria Pires Garcia
Universidade Estadual de Londrina
valpg@uol.com.br

Rosana Figueiredo Salvi
Universidade Estadual de Londrina
salvi@uel.br

Resumo:

Pierre George (1909-2006), geógrafo francês pertencente à escola francesa de Geografia, é considerado um dos geógrafos precursores da Geografia crítica. Para vários estudos voltados à epistemologia da ciência geográfica, muitos temas propostos por Pierre George despertam até hoje o interesse de geógrafos do mundo todo. Com o objetivo de desvendar a contribuição de Pierre George para a Geografia Moderna, este trabalho apresenta uma análise estruturada na História da Ciência, baseada, sobretudo, em uma seleção de obras publicadas pelo geógrafo ao longo do século XX.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia; História da Ciência; Pierre George; Geografia Ativa; Geografia Crítica.

Abstract: Pierre George (1909-2006), french geographer belonging to the French School of Geography, is considered one of the precursors of critical geographers geography. For various studies focused on epistemology of geographical science, many items proposed by Pierre George awaken to this day the geographers of interest from around the world. Aiming to desvendar Pierre George's contribution to Modern Geography, this paper presents a structured analysis in the History of Science, based mainly on a selection of works published by the geographer throughout the twentieth century.

Key-words: Epistemology of Geography; History of Science; Pierre George; Active geography; Critical geography.

Resumen: Pierre George (1909-2006), geógrafo francés perteneciente a la escuela francesa de Geografía, es considerado uno de los geógrafos precursores de la Geografía crítica. Para varios estudios orientados a la epistemología de la ciencia geográfica, muchos temas propuestos por Pierre George despiertan hasta hoy el interés de geógrafos de todo el mundo. Con el objetivo de desvelar la contribución de Pierre George a la Geografía Moderna, este trabajo presenta un análisis estructurado en la Historia de la Ciencia, basada sobre todo en una selección de obras publicadas por el geógrafo a lo largo del siglo XX.

Palabras clave: Epistemología de la Geografía; Historia de la Ciencia; Pierre George; Geografía Activa; Geografía Crítica.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca desvendar a contribuição de Pierre George para a ciência geográfica. Porém, para definirmos o foco da pesquisa, limitamos a influência deste importante geógrafo para o período denominado Geografia Moderna.

A escolha do período se deve ao fato de que Pierre George publicou grande parte de suas obras na segunda metade do século XX, período denominado Geografia Moderna.

Vale destacar que estamos adotando a periodização da evolução do conhecimento geográfico proposto por Manuel Correia de Andrade (1987, p. 63).

[...] Para a Geografia admitimos, de forma esquemática, a existência de um primeiro período em que pontificaram os institucionalizadores desta ciência, ao qual se seguiu outro de consolidação e de difusão do conhecimento geográfico, a que chamamos período clássico, e em seguida, após a Segunda Guerra Mundial, tínhamos o período moderno.

Em várias obras voltadas à epistemologia da Geografia, muito pouco se aborda a respeito do trabalho de Pierre George. O que se percebe é que, geralmente, George é mencionado como participante de um movimento que ficou conhecido como Geografia Ativa, porém, não existem maiores explicações a respeito desse assunto. Percebemos que, para muitos estudantes de Geografia, a influência de George acaba por aí.

Para a execução deste trabalho julgamos que a História da Ciência poderia nos proporcionar a chave metodológica para descobrir os mistérios que envolvem a geografia de Pierre George. Assim, por meio da proposta metodológica desenvolvida por esta área do conhecimento buscamos sanar indagações, como: qual foi a contribuição de Pierre George para a Geografia Moderna? Se Pierre George influenciou o pensamento geográfico moderno, de que maneira isso aconteceu? Por inovações metodológicas? Pela inserção de novos temas nos estudos geográficos?

Com base nestas indagações, desenvolvemos este artigo em três principais momentos.

No primeiro momento apresentamos a condução metodológica da pesquisa. Nele, também tecemos algumas considerações a respeito da História da Ciência, além de alguns apontamentos que o procedimento da pesquisa causou.

No segundo momento abordamos a produção de Pierre George no interior da geografia lablachiana. Nesta parte apresentamos um estudo teoricamente embasado a respeito da Geografia produzida por Pierre George estabelecendo paralelos com a Geografia francesa produzida por um de seus maiores expoentes, Paul Vidal de La Blache.

No terceiro e último momento tratamos das contribuições de Pierre George para a Geografia Moderna. Esta parte do trabalho está composta pelos principais temas que Pierre George inseriu no temário de discussão da ciência geográfica.

Esperamos que ao longo deste trabalho consigamos despertar o interesse de futuros estudos que possam vir a contribuir para temas, sobretudo no que concerne a Pierre George ou à outros importantes geógrafos.

CONDUÇÃO METODOLÓGICA

Para o encaminhamento metodológico de nossa pesquisa, optamos por percorrer o caminho definido pela História da Ciência. De acordo com Martins (2005), uma pesquisa nessa área do conhecimento deve utilizar, principalmente, fontes primárias e secundárias. Além disso, para se fazer uma pesquisa de qualidade, o pesquisador precisará

[...] fazer levantamentos, selecionar e localizar documentos, buscá-los ou obter cópias deles analisá-los. Precisar também escrever, elaborar uma argumentação, discutir trabalhos historiográficos anteriores sobre o mesmo assunto e fundamentar bem suas conclusões. [...] Por outro lado, também não existe um orientador que consiga transformar seu orientando em um bom pesquisador. É preciso um esforço de ambas as partes (MARTINS, 2005, p. 307-308).

É importante destacar que as fontes primárias correspondem à produção original do autor estudado, em nosso caso, do próprio Pierre George. Já as fontes secundárias correspondem às análises de obras produzidas por outros autores e que tratam do objeto de nosso estudo.

Ao iniciarmos o procedimento de levantamento bibliográfico a respeito do tema desta pesquisa, tanto em livros impressos, quanto na internet, deparamo-nos com poucas fontes secundárias em língua portuguesa referentes ao tema em questão.

A ausência de variadas fontes secundárias, de certa forma, tornou-se um obstáculo. Porém, isso não conseguiu diminuir o desejo de levarmos adiante nosso objetivo, ao contrário, despertou-nos mais interesse em desvendar o que se escondia por trás do silêncio frente ao trabalho de Pierre George na Geografia.

Percebemos nesse momento que nossa pesquisa seria baseada, sobretudo, em fontes primárias. Desse modo, decidimos escolher uma seleção de obras publicadas por Pierre George, e traduzidas para o português, durante o século XX.

Para a definição dessa seleção, optamos por escolher aproximadamente duas publicações por década, iniciando na década de 1940 e terminando na década de 1970.¹ Além disso, buscamos obras nas quais Pierre George abordou temas mais gerais, evitando, assim, as obras que tratam de temas regionais publicadas pelo geógrafo. O quadro a seguir apresenta as obras selecionadas para a execução deste estudo.

Quadro 1 – Obras selecionadas de Pierre George

GEORGE, Pierre. Geografia agrícola do mundo . 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. [1946]
GEORGE, Pierre. Geografia industrial do mundo . São Paulo: Difel, 1969. [1947]
GEORGE, Pierre. Geografia econômica . 6. ed. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1973. [1956]
GEORGE, Pierre. Geografia urbana . São Paulo: Difel, 1983. [1961]
GEORGE, Pierre <i>et al.</i> Geografia ativa . 5. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel,

¹ Embora Pierre George tenha publicações nas décadas de 1930, 1980 e 1990, não as inserimos em nossas análises pois não há traduções delas para a língua portuguesa.

1980. [1964]
GEORGE, Pierre. Geografia da população . São Paulo: Difel, 1969. [1965]
GEORGE, Pierre. A ação do homem . São Paulo: Difel, 1970. [1968]
GEORGE, Pierre. Os Métodos da Geografia . 2. ed. São Paulo: Difel, 1986. [1970]
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Pierre George : conferências no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.
GEORGE, Pierre. Populações ativas . São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1979. [1978]
GEORGE, Pierre. Sociedades em mudanças : introdução a uma Geografia social do mundo moderno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. [1980]

Fonte: elaborado pela autora.

PIERRE GEORGE E A GEOGRAFIA LABLACHIANA

Pierre George nasceu em Paris, no ano de 1909 e faleceu em Chatenay-Malabry, em 2006. De acordo com a L'Académie des Sciences Morales et Politiques, George lecionou Geografia e História em várias escolas francesas, como Montpellier (1935- 1936), Carlos Magno (1936-1941) e Lakanal (1941-1946). Foi docente na Universidade de Lille (1946-1948) e depois na Sorbonne (1948-1977). Durante sua vida profissional ocupou cargos de destaque, como a direção do Instituto de Demografia da Universidade de Paris (1973-1977) e membro da Comissão Técnica do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (1945-1975).

Pierre George desenvolveu uma carreira no exterior onde ministrou vários cursos em países, como Tunísia (1961, 1963, 1964), Brasil (1962, 1968), Canadá (1967, 1973, 1975) e México (1978, 1980, 1982, 1984).

De acordo com Moraes (1997), Andrade (1987) e Rochefort (2008), Pierre George foi um geógrafo pertencente à escola clássica de Geografia francesa e teve como um de seus maiores mestres Paul Vidal de La Blache. No entanto, conforme veremos ao longo deste texto, embora George pertencesse à escola francesa de Geografia, sua obra apresentou algumas características que a diferenciaram da Geografia Lablachiana.

Rochefort (2008) afirma que os primeiros estudos de Pierre George seguiram as tendências da Geografia clássica francesa. Sua primeira publicação sobre a região Bas-Rhone (Baixo-Ródano), em 1935, por exemplo, descreve com detalhes o quadro natural da região, procedimento muito comum nos estudos regionais tradicionais franceses.

No entanto, com o decorrer do tempo, as publicações de Pierre George passam a apresentar mudanças em relação à Geografia Lablachiana. Uma dessas diferenças foi a discussão de temas até pouco discutidos pela Geografia Tradicional, como o meio urbano, as desigualdades sociais, os diferentes desenvolvimentos econômicos, entre outros. A inserção de temas como esses no temário de estudos da Geografia buscava identificar os processos sociais e econômicos que interferiam na organização do espaço geográfico. Na perspectiva de Moraes (1997, p. 117), essa prática vai proporcionar “uma discussão mais política na análise geográfica”.

De acordo com Michel Rochefort (2008), foi após o ingresso de Pierre George, em 1936, no Partido Comunista que suas publicações passaram a apresentar maior carga política e social, além de severas críticas à Geografia Pragmática. Para Rochefort, as obras *Geografia Social da França*, de 1938, e *Geografia Social do Mundo*, de 1946, são exemplos dessas mudanças.

No período entre as décadas de 1940 e 1970, Pierre George publicou dezenas de livros, e, nessas obras, passou a discutir o papel das relações socioeconômicas e a sua evolução na construção dos espaços.

As publicações de Pierre George estiveram inseridas no movimento de renovação da Geografia Clássica. Nesse período, muitos geógrafos passaram a refletir a respeito do temário discutido pela ciência geográfica até aquele momento, e, a partir dessas reflexões, muitos deles, como Pierre George, Bernard Kayser e Yves Lacoste, começaram a publicar obras que discutiam com maior profundidade temas ligados às cidades, à indústria, ao consumo e às desigualdades sociais.

Manuel Correia de Andrade (1987, p. 96), ao se referir às publicações geográficas desse período, afirma que muitos geógrafos

Viram [...] que estava ultrapassada aquela ideia muito difundida nos meios geográficos de dar maior importância à geografia agrária, ao campo, por estar a agricultura mais dependente das condições naturais do que a indústria e os serviços. Os estudos de Geografia Urbana e de Geografia Econômica intensificaram-se, ganharam importância, e a agricultura passou a ser encarada não mais como um gênero de vida, mas como uma atividade profissional.

Esse movimento de renovação da Geografia pode ser percebido, por exemplo, ao analisarmos a obra *Geografia Econômica* (1973, [1956]),² de Pierre George. Nessa obra, o geógrafo, além de apresentar a existência de diferentes sistemas políticos (capitalismo e socialismo) no globo, procura mostrar que a atividade industrial é o principal setor da economia moderna. Para atingir seu objetivo, Pierre George deixa de privilegiar o estudo da agricultura frente às outras atividades econômicas, como normalmente ocorria na Geografia Tradicional, para apresentar um estudo detalhado sobre a atividade industrial.

Manuel Correia de Andrade (1987) aponta várias outras renovações nos estudos geográficos realizadas por Pierre George, entre elas, o seu tratamento para o tema população. Para Andrade, Pierre George ao estudar a Geografia da população, não se ateu apenas à descrição da distribuição espacial das sociedades pela superfície terrestre, mas também a outras questões, como a estrutura da população por idade e sexo e, principalmente, com a participação da população em atividades produtivas e consumidoras.

Na obra *Geografia da População* (1969b [1965]), por exemplo, embora Pierre George descreva primeiro a distribuição da população relacionando-a aos fatores naturais da Terra, mais adiante, na mesma obra, ele vai além e apresenta a distribuição voltada às características do povoamento em países industrializados e em países subdesenvolvidos.

Ao abordar em suas obras temas como subnutrição, miséria e desigualdades sociais, muitos geógrafos passaram a chamar a geografia produzida por Pierre George de Geografia da denúncia. Isso

² Os anos apresentados entre colchetes nesta e nas demais páginas desta pesquisa referem-se à primeira edição da obra citada.

porque, em suas obras, o geógrafo apresentava os contrastes socioeconômicos existentes entre as sociedades humanas. Desse modo, com a inserção desses temas nos estudos realizados por Pierre George, podemos afirmar que surge, no século XX, a proposta de uma nova Geografia Regional.

Assim como Vidal de La Blache, Pierre George também defendia a ideia de que o principal objetivo da Geografia era produzir sínteses descritivas regionais. No entanto, Paul Vidal de La Blache, ao exemplo de sua obra *Princípios de Geografia Humana* (1921), esteve voltado, sobretudo, à identificação de diferentes gêneros de vida e à distribuição das sociedades pela superfície terrestre. Já Pierre George pretendia apresentar em suas sínteses uma análise que envolvia aspectos socioeconômicos e políticos das sociedades, bem como suas relações com o espaço em que habitavam. Esse objetivo é muito perceptível na obra *Populações Ativas* (1979, [1978]), na qual George explica que o geógrafo deve, com base em suas análises e em suas sínteses, caracterizar cada porção de espaço, ou seja, as regiões.

Assim, Pierre George apresenta, nessa obra, várias análises a respeito das diversas formas de trabalho praticado pelas sociedades humanas e, depois, sínteses regionais, com forte peso nas características socioeconômicas de regiões subdesenvolvidas, como Maghreb³ e Ásia e países desenvolvidos, entre eles, Estados Unidos, França e URSS.

Lencioni (2003) explica que os estudos regionais lablachianos buscavam reconhecer unidades geográficas pela superfície do globo por meio da relação entre aspectos físicos e humanos, identificando então a existência de diversos gêneros de vida. Já Pierre George, procurava no estudo regional, o reconhecimento da organização espacial, e, a partir dele, buscava intervir em atividades de planejamento e gestão territorial. Conforme nos afirma Lencioni (2003, p. 108), “[...] a região foi discutida pela perspectiva do desenvolvimento desigual e se colocou como objeto de intervenção da ação do homem [...]”.

O texto a seguir é um exemplo de crítica realizada pelos autores da obra *Geografia Ativa*, da qual Pierre George fazia parte, a respeito da questão da divisão regional realizada pelos estudos tradicionais.

Durante muito tempo, as observações geográficas, principalmente orientadas então sobre o estudo do meio e dos tipos de vida, filiaram-se utilmente aos quadros de uma divisão zonal do globo: países temperados, zona árida, países tropicais... Hoje, esta classificação perdeu a maior parte de sua eficácia em razão da própria evolução acelerada do conjunto do mundo: os tipos de vida, conjuntos de adaptações coerentes aos dados naturais, romperam-se sob as pressões da civilização “moderna” expandida sobre toda a superfície do globo pelo efeito de um gigantesco efeito relacional. [...] Os dados naturais, em razão de sua diferenciação, constituem ainda quadros importantes, mas não podem mais servir de base, hoje, às demarcações geográficas primordiais (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 44).

É muito importante destacar que, embora Pierre George tenha inserido em suas análises temas até então não abordados pela Geografia Tradicional Lablachiana, apresentando uma visão diferente de síntese regional, isso não significa que o geógrafo perdeu seus vínculos metodológicos com a Geografia Francesa, da qual fazia parte.

³ Região Noroeste da África.

Nas obras do autor que selecionamos, pudemos confirmar que é evidente o uso da descrição detalhada e, principalmente, do método indutivo-empírico em seus trabalhos. O trecho a seguir evidencia o tom descritivo de Pierre George ao retratar a localização de Paris:

Ela se caracteriza sobretudo por uma linha de cruzamento ligeiramente inclinada em relação às coordenadas terrestres: norte-nordeste, sul-sudoeste, o vale do rio Oise que é a via de contato com as planícies da Europa do Norte pelos vales do Sambre, do Mosa e a Renânia. Estende-se ao Sul do Sena por estradas de terra que sobem o planalto de Beauce por depressões que sempre facilitaram a circulação (vales do Hurepoix) em direção a Charles, Tours ou Orléans, com acesso para as regiões do oeste e do sudoeste pelos vales do Loire e dos pequenos rios do Maine [...] (GEORGE, 1983 [1961], p. 40).

Consciente da crise epistemológica pela qual passava o pensamento geográfico no século XX, Pierre George acompanhado por mais três geógrafos, publicaram em 1964, *A Geografia Ativa*; e George, em 1970, *Os Métodos da Geografia*, em que se dedicou a explicar, entre outros temas, sua concepção a respeito da ciência geográfica, o objeto de estudo desta ciência, o papel do geógrafo nas pesquisas geográficas e ainda os métodos de pesquisa adotados pela Geografia. Essas duas obras se tornaram verdadeiros manuais de estudos geográficos, e, para muitos geógrafos, como Antônio Carlos Robert Moraes (1997) e Manuel Correia de Andrade (1987), a obra *A Geografia Ativa* foi considerada uma proposta de renovação em face da Geografia Tradicional.

AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A GEOGRAFIA MODERNA

De modo geral, costumamos chamar o período do pensamento geográfico que se inicia em 1901 até a Segunda Guerra Mundial de Geografia Clássica. Já o período que se segue após a Segunda Guerra Mundial é conhecido como Geografia Moderna.

Andrade (1987) comenta que uma importante diferença entre o período clássico e o período moderno da Geografia foi a decadência dos fundamentos positivistas nos estudos geográficos, ou seja, fortemente empirista e naturalista.

Pierre George foi um geógrafo que participou tanto do período clássico da Geografia quanto do período moderno dessa ciência. Suas primeiras obras, como nos afirma Michel Rochefort (2008), apresentavam fortes características da Geografia Clássica Francesa, isto é, com tendência a longas descrições das regiões estudadas e ao destaque para os seus aspectos naturais. Já as outras obras produzidas pelo geógrafo, a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente após o término da Segunda Guerra Mundial, embora ainda continuassem a apresentar um caráter descritivo, buscavam explicar a relação existente entre sociedades, estruturas produtivas e sistemas políticos com a organização do espaço.

Para que se realizasse o estudo dessa relação, Pierre George, além de introduzir temas inovadores no temário de discussão geográfica, também aprofundou outros já existentes, como população, área urbana e espaços industriais. Isso certamente foi a maior contribuição de Pierre George à Geografia Moderna, ou seja,

enriquecer a análise geográfica com a introdução de temas mais críticos e importantes para a realidade vivida na segunda metade do século XX.⁴

Muitas destas contribuições de Pierre George podem ser encontradas na obra *Geografia Ativa* (1980), que mesmo escrita em conjunto com mais três geógrafos, ao longo de seus capítulos é apresentada a essência das ideias de um movimento de renovação do pensamento geográfico que também ficou conhecido como Geografia Ativa.

Ao longo das leituras realizadas das obras de Pierre George, identificamos alguns temas que se destacaram. Assim, consideramos importante tecer alguns comentários a respeito deles, pois, em nosso ponto de vista, eles nos possibilitam entender com maiores detalhes algumas discussões trazidas por Pierre George à Geografia Moderna. Esses temas são: subdesenvolvimento, população, questões urbanas e técnica.

Também consideramos pertinente apresentar algumas considerações sobre outros dois temas que nos auxiliaram a analisar as obras de Pierre George diante da Geografia Moderna, são eles: o marxismo e a questão metodológica.

O subdesenvolvimento

A segunda metade do século XX foi caracterizada pelo jogo de influências de dois grandes sistemas econômicos mundiais, o capitalismo e o socialismo. Diante desse contexto, Pierre George acreditava que a Geografia Humana seria fundamental para explicar, com maior propriedade, de que maneira as estruturas produtivas e as relações sociais, engendradas por esses dois sistemas econômicos, influenciavam na organização do espaço mundial.

Michel Rochefort (2008) comenta que George foi quem, pela primeira vez, trouxe para o interior da Geografia uma análise comparativa entre o sistema econômico capitalista e o sistema econômico socialista. Ao mesmo tempo, promoveu reflexões a respeito da diversidade existente em cada um desses sistemas econômicos, trazendo à tona, no temário geográfico, questões como nível de desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento.

Yves Lacoste, um dos alunos de maior destaque de Pierre George, prosseguiu com as análises geográficas sobre o subdesenvolvimento. Entre as décadas de 1960 e 1970, Lacoste se aprofundou no tema subdesenvolvimento e publicou, em 1965, *A Geografia do Subdesenvolvimento*.

Ao relacionar os fatos sociais e os econômicos na organização do espaço, Pierre George promoveu uma aproximação entre a Geografia e a Sociologia. De acordo com o geógrafo Guy Di Méo (2008): “George defendeu ao longo de sua obra a relevância da análise da dimensão espacial dos fenômenos econômicos e sociais”. O geógrafo ainda complementa explicando que George, embora bastante descritivo, mostra em suas obras que as desigualdades econômicas e as divisões sociais encontram-se projetadas no uso do espaço.

⁴ Para Moreira (2008), o momento histórico vivido por Pierre George foi intensamente influenciado por transformações técnico-científicas, pela ação de monopólios e também por movimentos sociais.

A população

Na obra *Geografia Ativa* (1980, [1964]), Pierre George e os demais autores, apresentam a ideia de que toda análise regional deveria ter início a partir da população que habita a região alvo de estudo.⁵ Contudo, esse estudo não deveria ser constituído apenas por descrições de diferentes grupos humanos acompanhados por dados demográficos. Nesta perspectiva, a Geografia deveria estudar questões como estrutura profissional, mercado de trabalho e classes sociais. Por isso, Pierre George defende a ideia de que a Geografia deveria fazer uso de informações obtidas de várias ciências humanas, como a Sociologia, a História e a Demografia.

Roland Pourtier (2008) confirma essa colocação explicando que, na obra *Geografia da População*, Pierre George (1969b [1965]) desvencilha-se do tradicional estudo da distribuição da população na superfície terrestre baseado em grupos étnicos para apresentar, por exemplo, estudos a respeito da população de países com economia desenvolvida e de países com economia subdesenvolvida. Além disso, explica que o estudo populacional deve se preocupar com o padrão de vida das populações em diferentes regiões do planeta. Na visão de George (1969b [1965], p. 41), “A diversidade das raças não é de subestimar, mesmo que nos recusemos a atribuir-lhe qualquer significação qualitativa. A diferenciação mais importante hoje é a dos padrões de vida e das formas de existência cotidiana”.

Outro aspecto que merece ser destacado nos estudos populacionais realizados por Pierre George é a discussão referentes às consequências do elevado crescimento populacional mundial, sobretudo nas áreas urbanas dos países subdesenvolvidos. No trecho a seguir, podemos verificar parte de uma das análises apresentadas na obra *Geografia Ativa* entre o movimento do êxodo rural em países subdesenvolvidos e o decorrente crescimento urbano.

As massas de camponeses desenraizados acumulam-se nas maiores cidades, nas capitais dos Estados, porque só esses centros urbanos lhe oferecem possibilidades de uma existência marginal. Nelas a população aumenta muito mais rapidamente do que nas cidades de importância secundária. Assim, em menos de vinte e cinco anos, constituíram-se aglomerações urbanas da mesma ordem de grandeza de Paris ou Londres, passando por cima da existência das infraestruturas econômicas financeiras e administrativas. Se cada uma dessas cidades apresenta os seus problemas econômicos específicos, todas elas sofrem de graves desequilíbrios que se exprimem na paisagem urbana por marcas de degradação através da presença de zonas de *habitat* espontâneo (bairros de lata, barracas, [...] favelas etc.) (GEORGE, 1969b [1965], p. 83).

Questões urbanas

Como vimos no item anterior, a Geografia Regional produzida por Pierre George, apresentou uma concepção de região diferente da Geografia Lablachiana, que relacionava a região aos aspectos naturais e humanos da área.

Para a George e os demais autores de *Geografia Ativa* (1980 [1964]), a concepção de região estava atrelada à ideia de polarização, ou seja, promovia a cidade como centro ou núcleo de ações da organização

⁵ De acordo com Kayser, um dos autores de *Geografia Ativa* (1980, p. 303), uma análise regional deveria seguir cinco itens principais: “a população, em seus aspectos demográficos e sociais; os recursos e sua utilização; o consumo; as relações exteriores e a estrutura geográfica.”

regional. Nesse sentido, uma cidade, ao criar progressivamente uma área de influência ao seu entorno, está definindo uma região.

Na obra *Geografia Ativa* (1980 [1964]), os autores explicam detalhadamente o que eles defendem por região.

Se a região vive por seu centro, o processo liberal de sua formação consiste na polarização progressiva de suas atividades em torno desse centro e nesse próprio centro. Logo, a região será tanto mais bem formada e mais madura quanto maior for a importância relativa do centro e sobretudo quanto maior for a influência que o centro exercer sobre todo o território considerado (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 285).

Seguindo essa perspectiva de tomar a cidade como núcleo regional, Pierre George considera que um conjunto de regiões constituem redes urbanas, e estas, por sua vez, são ferramentas que possibilitam estudar a organização do espaço regional. Diante disso, é possível perceber a importância que Pierre George atribuiu às áreas urbanas.

Andrade (1987) explica que essa importância atribuída por Pierre George a essas áreas foi muito enriquecedora para a Geografia, pois os estudos franceses, até então, davam muito mais destaque às questões agrárias.

Lencioni (2003, p. 141) confirma o ponto de vista de Andrade mencionando o contexto histórico em que Pierre George vivia. De acordo com a geógrafa:

Urbanização, industrialização e centralização tornaram-se, assim, as questões de relevo da Geografia na segunda metade do século XX. Impôs-se novas referências na análise regional: fluxos, rede urbana, área de influência de uma cidade e polarização. O desenvolvimento dessa perspectiva na Geografia significou o abandono da ideia de região como síntese dos aspectos naturais e humanos para se vincular à de organização do espaço. A análise das funções urbanas e regionais, da hierarquia dos lugares, da concentração espacial das atividades e da divisão do trabalho, passaram a compor o estudo regional.

Para Lencioni, o período em que Pierre George publicou grande parte de suas obras, ou seja, a segunda metade do século XX, a sociedade passou a se tornar cada vez mais urbana e metropolitana, por isso a importância atribuída ao espaço urbano no temário geográfico apresentado por esse geógrafo.

Técnica

A técnica também foi um tema discutido por Pierre George. Milton Santos (2006), em *A Natureza do Espaço*, comenta que Pierre George foi um dos geógrafos de destaque que estudou a relação entre técnica e espaço.

Essa afirmação de Santos é confirmada quando compreendemos a colocação de George *et al.* (1980) de que a técnica é o meio pelo qual a ação humana interage no espaço, por isso o seu estudo ser

muito importante. É por meio do estudo da evolução das técnicas e também do seu domínio que os geógrafos reconhecerão como as sociedades interagem com o espaço ao longo do tempo.

Para estudar a técnica, o geógrafo francês acredita ser necessário que a Geografia recorra à História, pois é esta ciência que poderá fornecer informações para que ele possa elaborar suas análises. É a partir desse ponto de vista que Pierre George afirma que

A história das técnicas fornece a chave das modificações das relações entre coletividades humanas e ambiente. A aquisição de instrumentos de libertação das servidões do meio natural efetua-se com tal rapidez e tal poder que não há mais nenhuma medida comum entre as relações homem-natureza, nos países tecnicamente mais avançados, e as mesmas relações homem-natureza nas regiões do globo onde o homem permaneceu nu e sem meios de defesa, dentro da floresta equatorial [...] (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 17).

Conforme pode-se perceber nessa citação, para Pierre George, ao longo do tempo, a técnica evoluiu em um ritmo muito veloz, no entanto, o domínio da técnica é desigual entre as sociedades humanas. Essa ideia será abordada pelo geógrafo ao explicar, por exemplo, que o domínio das técnicas pelos países desenvolvidos é diferente do domínio das técnicas dos países subdesenvolvidos.

É com base nessa perspectiva que Pierre George acredita que o domínio desigual da técnica vai se refletir tanto no diferente desenvolvimento socioeconômico das sociedades quanto nas questões ambientais por elas vividas.

Felipe de Souza Ramão (2013), ao estudar a abordagem ambiental realizada por Pierre George no século XX, explica que George apresentou um discurso inovador na Geografia. Para Ramão, George envolve questões políticas, sobretudo de relações de poder, quando discute o meio ambiente.

[...] Pierre George traz novos elementos para discussão. No âmbito da Geografia, trata-se de discurso inovador nas décadas de sessenta e setenta e, decerto, surpreendente pela atualidade. [...] Sua postura crítica foi bastante relevante: tratando o meio ambiente a partir das relações de poder inspirado pelo marxismo, enfatizou a estrutura de desigualdade no uso dos recursos e nas políticas ambientais (RAMÃO, 2013, p. 47).

Questão metodológica

Em nenhuma das obras utilizadas para a produção deste estudo, encontramos uma definição de Pierre George quanto ao método de estudo da Geografia.

Tanto em sua obra *A Geografia Ativa* como em *Os Métodos da Geografia*, obras que mais se aproximam de questões epistemológicas, Pierre George afirma que, devido ao fato de a Geografia utilizar conhecimento tanto das ciências naturais quanto das ciências humanas, ela é uma ciência que não possui um método próprio de pesquisa.

Para o geógrafo, definir um método geográfico de pesquisa é uma atitude equivocada. De acordo com o tema pesquisado, a Geografia faz uso dos métodos utilizados pelas ciências que lhe fornecem informações, sejam essas ciências humanas, sejam naturais.

[...] por natureza, a geografia tem de ser metodologicamente heterogênea. Alinha-se, por um lado, entre as ciências da terra ou da natureza, da mineralogia e da petrografia, da geologia até a biologia; por outro lado, situa-se entre as ciências do homem, desde a história até a sociologia, a economia, a psicologia social... É esta a razão pela qual ela se encontra continuamente empenhada na busca de sua unidade.

Esta unidade não pode ser metodológica: a pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto de seus estudos fragmentários ou globais (GEORGE, 1986 [1970], p. 8-9).

Mais adiante, nessa mesma obra, Pierre George apresenta a seguinte afirmação:

Não existe nenhum método geográfico para a abordagem dos dados sociais, econômicos, demográficos ou culturais. Pode-se quando muito afirmar que existe uma maneira geográfica de confrontar os resultados das pesquisas exteriores e de fazer com que apareçam os sistemas de inter-relações entre esses dados, num meio definido no espaço e por seus próprios caracteres (GEORGE, 1986 [1970], p. 35).

O próprio Pierre George aponta, como uma questão polêmica, a ausência de uma unidade metodológica da ciência geográfica. Para ele, constantemente as ciências associadas questionam o *status* de ciência da Geografia.

Esse posicionamento metodológico de Pierre George se deve ao fato de o geógrafo ter vivido no período de decadência da Geografia clássica e, assim, ter produzido grande parte de suas obras em um momento histórico no qual se presenciava a crise dos postulados positivistas. Como sabemos, uma das características do positivismo era a aceitação de um único método de pesquisa para todas as ciências, ou seja, tanto para as ciências humanas quanto para as ciências naturais. Sendo um grande defensor de estudos regionais, que envolvessem tanto elementos naturais como elementos sociais, Pierre George passou a criticar a existência de um único método de pesquisa geográfica e, então, a justificar a necessidade do uso de métodos das ciências auxiliares.

Essa postura pode parecer uma crítica de Pierre George ao positivismo, porém, analisando o conjunto das obras selecionadas para este estudo, observamos que não há um desvencilhamento de George com os postulados positivistas. Isso é comprovado, por exemplo, se observarmos sua prática descritiva e, principalmente, sua defesa da concepção da Geografia como uma ciência de síntese, concepção essa própria da Geografia Tradicional.

Moraes explica que a concepção da Geografia como uma ciência de síntese, adotada por muitos geógrafos clássicos, corresponde à necessidade do positivismo em classificar as ciências. Além disso,

[...] a ideia de “ciência de síntese” serviu para encobrir a vaguidade e a indefinição do objeto. Tal ideia, que postulava um conhecimento excepcional, desvinculava tal ciência de uma exigência do próprio positivismo – a definição precisa do objeto de estudo (MORAES, 1997, p. 25).

Diante disso, é possível reconhecer que, no campo metodológico, Pierre George não apresentou contribuições tão profundas quanto no temário de discussão da Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a História da Ciência nos ofereceu um aporte fundamental, pois, além de nos orientar na delimitação do tema a ser pesquisado, conduziu-nos na busca por fontes primárias e secundárias referentes ao objeto de estudo e, depois, levou-nos a realizar análises contextualizadas referentes ao assunto investigado, evitando, assim, abordagens anacrônicas.

Diante da reduzida quantidade de fontes secundárias durante a fase de levantamento bibliográfico relacionada a Pierre George, voltamos nossas forças à interpretação das fontes primárias, extraíndo o máximo possível de informações, as quais se tornariam matéria-prima para esta pesquisa.

Ao longo da pesquisa verificamos que Pierre George influenciou a Geografia Moderna, e essa influência se deu no nível das questões abordadas pela ciência geográfica. George trouxe para o temário geográfico questões como o subdesenvolvimento, o meio urbano e as atividades industriais e a sua relação com a organização espacial, ou seja, realizou uma abordagem que até então não era praticada pela Geografia Tradicional.

Essas questões trazidas à tona por Pierre George ampliaram, ao longo do tempo, os horizontes de futuros geógrafos, entre eles, Yves Lacoste, um de seus mais importantes alunos.

Mas por que as ideias de George foram ampliadas?

Porque o trabalho desse geógrafo francês acabou por propor denúncias, por aflorar problemas. Porém, não executou análises que desvendavam as causas dessas denúncias. Suas obras se limitavam a descrever regionalmente questões emergentes do momento histórico no qual foram produzidas.

As análises a respeito da essência dos problemas evidenciados por Pierre George foram realizadas mais tarde pela Geografia Crítica.

Esperamos que esta pesquisa desperte o espírito investigativo de outros estudantes, que, assim como nós, procuram conhecer sempre um pouco mais sobre a ciência geográfica. Temos a esperança de que ela seja o ponto de partida de muitos outros estudos que futuramente possam ser realizados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.

BLACHE, Vidal de La. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Edições Cosmos, 1921.

GEORGE, Pierre. *Geografia da população*. São Paulo: Difel, 1969b.

_____. *Geografia econômica*. 6. ed. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1973.

_____. *Populações ativas*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. *Geografia urbana*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. *Métodos da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

_____ et al. *Geografia ativa*. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. História da Ciência: objetos, métodos e problemas. *Revista Ciência e Educação*, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 305-307, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

MÉO, Guy Di. Pierre George, géographe des sociétés humaines. *Annales de géographie* – Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. *Hommage des Annales de Géographie*, n. 659, p. 4-16, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

POURTIER, Roland. Pierre George et les questions de population. *Annales de géographie* – Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. *Hommage des Annales de Géographie*, n. 659, p. 29-34, 2008.

RAMÃO, Felipe de Souza. *A Geografia de Pierre George e a questão Ambiental*. *Revista Continentes*, Rio de Janeiro: UFRRJ, Ano 2, n. 3, 2013.

ROCHEFORT, Michel. Les structures sociales dans la pensée géographique de Pierre George. *Cahiers de géographie du Québec*, v. 52, n. 146, p. 247-254, Sep. 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.